

ENTREVISTA

COSSON COM A PALAVRA... RILDO JOSÉ COSSON

Eider Ferreira¹

Nazarete Andrade Mariano²

Wellington Neves Vieira³



Imagem de arquivo do autor

O professor Rildo Cosson concluiu o doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1998 e o doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2015. Foi professor da Universidade Federal do Acre, Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação do Centro de Formação (Cefor) da Câmara dos Deputados. É autor dos livros Paradigmas do Ensino da Literatura (2020), Letramento Político:

¹ Doutorando em Crítica Cultural UNEB/PPGCC. Endereço eletrônico: eiderdb-ferreira@gmail.com.

² Doutoranda em Crítica Cultural UNEB/PPGCC. Endereço eletrônico: nazare-te.mariano@upe.br.

³ Doutorando em Crítica Cultural UNEB/PPGCC. Endereço eletrônico: welling-ton.nevieira@gmail.com.

a perspectiva do legislativo (2019), Círculos de Leitura e Letramento Literário (2014), Escolas do Legislativo, Escolas de Democracia (2008), Fronteiras Contaminadas – Literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970 (2007), Letramento literário: teoria e prática (2006), O livro e o gênero (2002), Romance-Reportagem (2001). Tem organizado livros, publicado artigos e participado em congressos nacionais e internacionais sobre letramento político e letramento literário. Atualmente é pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação da UFMG e professor visitante da Universidade Federal da Paraíba.

Apresentação⁴: A entrevista concedida pelo professor Rildo Cosson – Professor e pesquisador relevante para as investigações sobre as políticas de letramentos literários – traz uma discussão da ordem do dia no debate sobre letramento, literatura, ensino e crítica cultural. O ontem e o hoje no ensino de literatura; a crítica literária e a crítica cultural e suas relações. Como coloca o autor Cosson: “Todos nós precisamos da literatura, todos nós precisamos desenvolver o nosso imaginário”.

Eider: Prof. Dr. Rildo Cosson, nas primeiras linhas do seu livro “Letramento literário: teoria e prática”, o senhor abre com uma fábula sobre um imperador chinês e seus três sábios, em que o pedido do imperador – ensinar três filhos- é recusado pelos sábios por temerem as três mais temidas inimigas de educador: a arrogância, a indiferença e a ignorância. De forma magistral, o senhor traz essas posturas para pensar o ensino de literatura, que, para muitos, é vista apenas como um verniz burguês parado no tempo e no espaço, ou seja, um saber desnecessário. Professor Cosson, como poderemos modificar essa visão, considerando a juventude em fase escolar, atualmente?

⁴ Entrevista realizada de forma online e gravada no dia 11 de fevereiro de 2022, via plataforma Google Meet. Transcrita posteriormente para fins publicação com autorização do entrevistado.

Cosson: A fábula foi escrita inicialmente para retratar as dificuldades do professor de literatura, mas hoje percebo que, na verdade, são dificuldades de qualquer professor e parece que a lista está se ampliando. Na fábula, as dificuldades são a ignorância, a indiferença e a arrogância. E agora nós temos outras dificuldades: a obscuridade, a intransigência, a violência. Em relação ao ensino da literatura, o jovem enfrenta, hoje, uma situação que é delicadíssima, porque o ensino da literatura predominante nas salas de aula do ensino médio ainda é aquele do início do século passado, ou seja, o ensino de cem anos atrás. Então ele olha para esse ensino e, obviamente, não o entende, porque não tem nada a ver com ele. O estudante não vive no início do século XX, ele vive no início do século XXI, então, há esse desencontro temporal entre aquilo que se ensina ou que se quer ensinar ou que se pretende ensinar (porque, na verdade, é um simulacro de ensino) e aquilo que o aluno poderia vivenciar da literatura na escola. Aí, o que acontece? Ele termina buscando acesso ao universo literário fora da escola. Então ele tem um letramento literário, ele tem uma formação literária. Não se engane, os jovens têm formação literária. Só que é uma formação literária feita por outros canais, por outros mecanismos: os *booktubers*, por exemplo, estão aí para comprovar tanto a demanda quanto o atendimento das necessidades de letramento literário dos jovens. É uma formação, obviamente, não sistemática. Precária em muitos aspectos e, em vários casos, equivocada, mas não o deixa de ser. E é a formação que ele consegue ter, porque a escola não cumpre sua função educativa, não consegue dar a formação que ele necessita, por isso ele vai buscar em outros lugares. Todos nós precisamos da literatura, todos nós precisamos desenvolver o nosso imaginário, não é mesmo? Você que leu o livro “Letramento Literário: Teoria e Prática”, você conhece a metáfora do corpo que delineamos lá, né? Então, todos nós temos um corpo simbólico. Esse corpo precisa se alimentar e o principal alimento desse corpo é a literatura. Assim, se a escola não oferece esse alimento, o aluno vai buscar

em outros lugares. Agora, a qualidade dessa alimentação, a forma como essa alimentação é feita, é outra conversa. Para falar dela, teríamos que conversar como é que a literatura circula na cultura digital, qual é a atuação do mercado nessa circulação, como atuam as mídias e tudo o mais que compõe o sistema literário e o consumo da literatura atualmente. E aí é outra questão, mas na escola, infelizmente, a escola não está atrasada, ela está paralisada. É triste você verificar isso. O livro que eu escrevi a respeito dos paradigmas do ensino da literatura visa justamente mostrar aos professores como é que eles podem avançar, porque vou a muitas palestras e encontros com professores e vários deles me dizem: “professor, queria fazer diferente, mas eu tenho que ensinar as escolas literárias” e eu retruco: não, não tem que ensinar as escolas literárias” e explico as razões. Dito isso, eles insistem dizendo “mas no currículo diz que é para ensinar”. Respondo: “não, não diz, mostrem-me onde no currículo se fala sobre isso”. Então lemos juntos os currículos e eles chegam à conclusão: “realmente não diz”. Não tem em lugar nenhum que se deve ensinar estilos de época nos currículos atuais, só o livro didático é que ainda organiza o ensino de literatura dessa maneira. Jogue o livro didático fora e você se liberta disso. Há análises muito bem feitas pela Lívia Suassuna sobre provas da Universidade Federal de Pernambuco, de quando tinha vestibular, e agora as provas do Enem, mostrando que nem para as provas do vestibular, nem para o Enem esse conhecimento sobre as escolas literárias é necessário. Luís Augusto Fischer, da UFRGS⁵, também fez uma análise das várias provas do Enem. Mostrou que o ensino sobre a literatura não era necessário. Em suma, esse tipo de ensino só está no livro didático, não está em outro lugar. Não estava nos PCN⁶, nem está na BNCC⁷, não está nos currículos locais, nem mesmo nos programas do

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Parâmetros Curriculares Nacionais.

⁷ Base Nacional Comum Curricular.

Enem. Nosso livro didático é um modelo muito específico de livro didático, ele precisa se apoiar nas escolas literárias para ser informacional, para poder dizer que está ensinando alguma coisa, que tem algum conteúdo para ensinar, aí o professor o acompanha porque funciona como uma muleta para a sua atuação na sala de aula. Aqui já entramos em outra seara que é a formação docente. Mas, a rigor, não precisamos ensinar as escolas literárias para ensinar literatura, até porque se era necessário em algum momento lá em 1910, hoje, em 2020, já não faz mais sentido.

Nazarete: Levando em consideração que a BNCC normatiza conteúdos mínimos, especialmente, na Educação de Base, nos leva a pensar o contexto educacional da Bahia que passa a implantar o DCRB Documento Curricular Referencial da Bahia) a partir deste ano de 2022, em que a disciplina de Língua Portuguesa contará com duas aulas semanais no Ensino Médio e três no Ensino Fundamental. Que reflexão o senhor pode fazer num cenário de conteúdos mínimos e de aulas reduzidas para uma disciplina que precisa levar em conta o ensino de literatura (leitura, escrita e oralidade) além de análise linguística?

Cosson: Não dá pra deixar de registrar a dor que é essa redução. Vou responder essa pergunta em duas frentes: a primeira frente, é interessante para a revista de vocês, para o programa como um todo, que é de Crítica Cultural, é que essas mudanças não se fazem no vácuo. Não é o governo da Bahia ou Secretária de Educação que acordou e disse “hoje vamos mudar tudo”. Isso faz parte de um movimento muito maior que recebeu o acrônimo GERM – *Global Education Reform Movement*, que é o nome dessas reformas que estão acontecendo no mundo inteiro, não só no Brasil, todas elas baseadas em uma lógica empresarial que submete a educação às chamadas leis do mercado. A consequência mais imediata é a transformação do aluno em um produto e a escola

em uma empresa que precisa entregar esse produto pronto para o consumo no mercado, daí os testes para controle de 'qualidade', a busca de uniformidade em todo o sistema de ensino e a redução da formação ao que consideram essencial, afinal um bom produto é aquele que se faz mais com menos recursos. Daí a diminuição do lugar das Humanidades no processo formativo do aluno. Para os defensores dessa perspectiva, não é necessário ter um aluno crítico, capaz de pensar por si próprio. Ele só precisa ser eficiente. Seria o destino das pessoas daqui para frente. Não teremos mais gente pensando. Só gente agindo. Até porque a interação com a máquina faria com que se supere a necessidade de ter toda essa reflexão que hoje fazemos na área das Humanidades. Trata-se de uma visão conservadora que vai do ensino básico ao superior porque as universidades também sofrem com esse apagamento. A ideia geral é que se vive um excesso de caos e é preciso ter ordem, e essa ordem significa diminuir o lugar das Humanidade porque elas são instigadoras do caos. E é onde se pensa ou se questiona. Então elas são, digamos, assim, promotora do caos, perturbadoras da ordem que se quer para se ter uma vida produtiva. Esse é um contexto que não se pode deixar de lado porque tendemos a pensar que apenas uma questão local e não é. É uma questão mundial. Você vai ver reformas curriculares feitas em vários países e a linha é essa mesma. Aliás, a nossa BNCC, por exemplo, apoiou-se, enormemente, na reforma curricular feita na Austrália. Também não é à toa que a fundação Lemann atuou junto à BNCC. Esse é um primeiro aspecto. Agora, especificamente, em relação ao ensino da Língua Portuguesa, Literatura, que é a segunda frente. Não temos como intervir diretamente no nível global, mas a nível local, o que podemos fazer? É preciso propor alternativas concretas a esse modelo de escola e educação. Até porque os dados que fundam seu diagnóstico da situação estão essencialmente corretos, ou seja, a escola não está cumprindo adequadamente seu papel formador, sobretudo para os jovens, como mostram, por exemplo, os números da evasão

escolar no ensino médio e seria cegueira acreditar que isso se deve apenas a questões externas. Nesse sentido, uma forma de enfrentar esse modelo não é nos tornando em conservadores, tentando manter a escola tal como ela está. Temos que reconhecer que a escola precisa ser reinventada ou ela vai, realmente, sucumbir; ela vai sucumbir não apenas porque reduziu a carga horária das disciplinas, mas porque o modo como ela propõe as aulas e o seu modo de ensinar é ultrapassado. Por isso temos que buscar e adotar novas formas de trabalhar com a língua e a literatura que não seja a forma tradicional da sala de aula. Se diminuíram a carga horária, vamos trabalhar com projetos; vamos acionar os mecanismos que temos de ocupar os espaços de formação do aluno, que não seja aquele exclusivo da sala de aula e, obviamente, não aceitar calados a diminuição da carga horária. Devemos brigar pela carga horária para fazer algo melhor com esse tempo. Porque se o professor conceber que ele tinha cinco aulas de Língua Portuguesa e isso incluía Literatura e agora baixou para duas, ele vai fazer o quê? Vai ficar com uma de Literatura e outra de Língua Portuguesa? Se ele continuar com essa visão, ele vai perder a capacidade formativa. E o apagamento que a literatura sofre hoje vai passar para a língua também. Em outras palavras, ou pensamos o ensino dentro da escola e repensamos a escola e não só a nossa área, nossa disciplina, ou vamos perder essa guerra. Em tempo de mídias rápidas e voláteis, esse cuidado precisa ser redobrado. Em vários momentos, ouvimos muito claramente que as escolas são desnecessárias, que as mídias formam muito mais rápido, muito melhor, com mais eficiência. Que um programa de computador pode substituir plenamente o professor, não se precisa de tantas aulas e de tantos professores. Nós, que somos professores, devemos ter muito cuidado com esse discurso que circula na sociedade. A escola é uma conquista! Conquista dos cidadãos! Levamos séculos para conseguir o direito à escola, o direito de ter escola para todos! Mas, hoje, vemos pais brigando para não levar o filho para a escola. Temos que refletir mais e temos que propor

coisas concretas; não dá mais para ficar só nas discussões. Temos que ir para a prática, propor alternativas, construir alternativas, experimentar novas formas e, para isso, é preciso nos despir de nossos próprios preconceitos em relação à tecnologia, por exemplo. Nosso objeto livro é uma tecnologia antiga, então nós temos resistência às novas; e temos que buscar uma formação diferenciada para os professores. Temos muitas frentes para trabalhar! E como é que eu, individualmente, faço isso? Comece de onde você está! Se você está dentro da escola, começa na sua sala de aula. A escola é um lugar que você tem que ocupar.

Wellington: Sabemos que as habilidades de ler e escrever estão no cerne das discussões de letramentos, de modo mais particularizado no letramento literário, tão bem-conceituado em suas pesquisas e estudos. Trazendo para o viés do curso de Letras, como podemos mobilizar e visibilizar de modo efetivo a produção literária de graduandos em letras, considerando que muitos deles saem da graduação sem essa experiência com o ato de criação literária?

Cosson: No início de 2020, nós, os professores da linha Leituras Literárias do PPGL da UFPB, montamos um curso de formação de professores que procurava responder essas questões, mas veio à pandemia e tudo foi por água abaixo. Então, eu vou responder um pouco baseado nesse curso que planejamos a várias mãos. Primeiro um diagnóstico: o curso de Letras, hoje, é resultado de uma evolução relativamente rápida. A sua origem está ligada ao curso secundário que dividia o ensino de língua em clássicas e modernas. Essa estrutura passa para o ensino superior com a fundação dos cursos de Letras. Quando os cursos começam a se disseminar pelo país, há uma fusão entre as duas orientações, com o abandono do grego. O curso vai se remodelando com a inclusão de novas disciplinas, como Teoria da Literatura e Linguística, que ocupam o espaço dos estudos clássicos. O ensino de

Latim sobrevive por mais tempo, mas também é progressivamente abandonado. Quando comparamos um currículo dos anos 1960 e os de 2020, por exemplo, descobre-se que a formação é praticamente outra. Já não há mais Latim, Literatura Latina, Filologia Românica, Filologia da Língua Portuguesa – essas disciplinas todas desapareceram da maioria dos cursos de Letras, cuja carga horária se distribui entre as áreas de Linguística e Literatura, usualmente em uma perspectiva sincrônica. No caso da linguística, ela começou como Linguística Geral, depois passou a se desdobrar, a trabalhar com os outros aspectos da língua, como: Linguística Textual, Análise de Discurso e a Linguística Aplicada que avançou e passou a ocupar a parte educativa do curso de Letras. Para entender: Antes havia Didática, depois Didática da Língua Portuguesa que agora é substituída pela Linguística Aplicada. Já a área de Literatura, ficou presa aos estilos de época e uma visão nacionalista da produção literária, com duas disciplinas iniciais e genéricas de Teoria Literária e seis outras disciplinas repartidas entre Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Só mais recentemente é que se vê a oferta, muitos casos ainda como optativas, de disciplinas de Literatura Infantil e Juvenil e Ensino da Literatura. O resultado é um curso de Letras composto por dois terços de linguística e um terço em literatura. Só que esse um terço não conversa com os dois terços porque são *vecinos de espaldas*, como se diz em espanhol. Um fica de costas para o outro. E eles caminham assim: os professores de Literatura não têm a menor noção do que os professores de Linguística ensinam. E o professor de Linguística não tem a menor noção do que o professor de Literatura ensina. Eles não dialogam, não falam entre si, parecem não estar formando a mesma pessoa.

Um primeiro efeito disso é o fenômeno, estranhíssimo, do aluno que é formado em Letras e diz assim: não gosto de Literatura. Ou então: não gosto de Língua Portuguesa, todavia, este aluno é formado em Letras. É como ouvir um geógrafo que diz: não gosto de espaço; ou, então, o biólogo que diz:

não gosto de animais. O segundo efeito é que se tende a ignorar o aluno real e suas demandas em favor de um perfil idealizado ou no mínimo ultrapassado. É o que revelam as reclamações usuais de que o aluno não é leitor, não possui repertório e se equivoca ao escolher o curso achando que o prepararia para ser escritor, entre várias outras que apontam um distanciamento crescente entre o perfil dos alunos que ingressam no curso e o perfil dos alunos suposto pelo curso. É verdade que frente o desconhecimento do cânone pelas novas levas de alunos que chegam à universidade, houve o movimento em alguns cursos de introduzir na área de Literatura uma disciplina inicial voltada para a leitura de obras de referência ou clássicos ocidentais, mas isso não resolve nem a questão da formação do leitor literário, nem a questão de repertório. Daí a nossa proposta de formação que a partir do letramento literário contemplava tanto a recepção quanto a produção de textos literários. Com isso, nosso objetivo não era formar escritores, nem mesmo críticos e teóricos, mas sim professores de literatura capazes de manusear a linguagem literária em seus vários aspectos, compreendendo que a literatura é, como acertadamente propõe Even-Zohar, um polissistema composto por diferentes fatores e o professor de literatura precisa conhecer e ocupar as diferentes posições nele oferecidas. Em outras palavras, o exercício da escrita literária é necessário no curso de Letras não porque deva ter como objetivo formar escritores (uma questão que precisa de maior reflexão), mas sim porque é pela experiência da literatura, pelo manuseio da linguagem literária que se forma o leitor literário. O professor de literatura, que é formado pelo curso de Letras, precisa conhecer o sistema literário na teoria e na prática para cumprir o seu papel de formador do leitor literário.

Eider: O ensino de literatura vem sofrendo um colapso no momento pandêmico atual. Diante disso, quais paradigmas precisam ser superados para a promoção da leitura literária em modalidade remota na educação básica? E mais, o

senhor acha que o letramento literário foi compreendido e/ou absorvido pela Educação Básica?

Cosson: Olha, vou começar pelo final. Gosto de pensar que uma vez o texto escrito, ele já não pertence ao autor, mas sim ao leitor que lhe dá vida em diferentes circunstâncias. O que eu queria dizer, ficou comigo, o que está dito no texto é uma transação entre as palavras escritas e o leitor. Se o leitor compreendeu daquela forma é porque havia – salvo as exceções da regra – a possibilidade desse entendimento. Dito isso, percebo que alguns professores compreenderam o letramento literário não como um paradigma, mas como uma técnica, uma estratégia de ensino. É como se fosse apenas uma forma. Tenho visto isso em algumas dissertações. O mestrando se apropria das sequências propostas no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, apagando a teoria ou buscando uma sustentação teórica suplementar, usualmente da estética da recepção. O problema é que isso pode levar a incongruências porque a proposta da estética da recepção é uma e a do letramento literário é outra. Então, há um choque teórico entre as duas propostas em aspectos fundamentais que precisam ser discutidos e, eventualmente, conciliados. Por isso tenho insistido que o letramento literário seja visto na sua inteireza, a proposta como um todo, que tem uma concepção de literatura, uma concepção de professor, de ensino, de texto, de literatura, de leitor, do lugar social da leitura e do leitor. Tudo isso compõe esse conjunto que é o letramento literário. Não que não se possa combinar conceitos e práticas diversas – até porque fazemos isso constantemente em sala de aula. A rigor não existe teoria ou práticas puras ou isoladas ou mesmo absolutamente originais. Sempre partimos das nossas experiências de leitura e de vida. Também aprendemos com Bakhtin que participamos de um diálogo que nos antecede e que continuará para além de nós. Mas é preciso reconhecer as diferenças entre as vozes com as quais dialogamos até para que possamos adequar as reflexões feitas por elas aos nossos objetivos.

Em relação à pandemia, não se pode esquecer o seu lado terrível, negativo, mas também teve um lado positivo que é o fato de trazer para o professor a consciência de que muitas coisas que ele ensinava não fazia muito sentido mesmo. Não é unanimidade, obviamente, porque tem gente que continua ensinando do mesmo jeito, mas como vários professores tiveram que repensar suas práticas para sintetizar e fazer o mínimo, eles começaram a repensar o que ensinavam, para que ensinavam e como ensinavam. Soube de muitos professores promovendo leitura com os alunos, encaminhando livros para ler e fazendo círculos de leitura como alternativa ao ensino tradicional de literatura. Nesse sentido, o letramento literário ganhou. Obviamente foi uma coisa terrível o enfrentamento da pandemia com os professores (e alunos também) sendo jogados diretamente na vida virtual, sem preparação. Mas tivemos também soluções muito boas. Na situação da pandemia, uma boa parte dessas soluções foram encaminhadas na direção do letramento literário, com ênfase na leitura dos textos. Ao trabalhar a leitura do texto online com os alunos, o professor precisou deixar o aluno ser protagonista da leitura. Ele teve que abdicar daquela preocupação de ele ser a fonte única do conhecimento e passou a compartilhar com o aluno a construção da leitura. Foi que aconteceu sobretudo com aqueles que aplicaram os círculos de leitura. Neste caso, os professores pegavam uma lista de livros e mandavam os textos para os alunos, inclusive em PDF, para depois discutir com eles a leitura. Tais professores sentiram que não adianta ficar ensinando características literárias. Quem conseguiu ir para esse caminho avançou bastante.

Nazarete: O programa de pós-graduação em Crítica Cultural destaca a formação do leitor literário por via dos estudos culturais. Defendemos a expansão dos textos canônicos trabalhados nos ambientes escolares e os consideramos de fundamental importância para ampliação de práticas de leitura literária; o mundo objetivo dos fatos, o mundo social

das normas e o mundo de experiências intersubjetivas, portanto, percorremos por uma abordagem de noção simbólica dos jogos dos significantes, do lugar de fala do autor e autora cujas falas emanam no contexto do imaginário coletivo, material, subjetivo, sócio histórico, científico e cultural do homem, entre outros objetos da contemporaneidade. Nesse sentido, qual seu ponto de vista dessas abordagens que elegem os tópicos de emancipação do sujeito no ato de leitura literária? De que modo esse aparato crítico cultural pode ser empregado para a formação do leitor literário no Ensino Médio?

Cosson: Em relação ao cânone, a primeira coisa que precisa fazer é distinguir cânone como repertório cultural, que seriam as obras guardadas pela comunidade como obras que a representam ou que são importantes para ela, e cânone como repertório escolar, que são aquelas obras tradicionalmente lidas na escola. Pensamos que elas são a mesma coisa, mas não é! O cânone escolar é uma coisa: são aqueles textos que estão, repetidamente, nos livros didáticos e que frequentam a escola e que são considerados como leituras obrigatórias; que é diferente de um conjunto de obras que representam a herança cultural de uma comunidade. O cânone escolar, normalmente, é uma fração desse cânone maior e nem sempre é a melhor parte dele. Por que é importante o cânone estar presente na escola? Porque a escola tem por função, dentre outras, preservar a memória cultural. Nós não podemos apagar os textos do passado se nós queremos saber quem somos no presente e o que queremos ser no futuro. Então apagar os textos do passado porque eles foram escritos com as características do passado, ou seja, são racistas, são misóginos, é um grande equívoco. Ao contrário, eles têm que ser lidos, discutidos, criticados, apontados, justamente, para compreendermos porque no passado essas coisas eram assim, e que hoje nós não aceitamos, não queremos mais. Se nós queremos ser e fazer diferente, temos que reconhecer os passos que nos trouxeram até aqui. Então, os textos devem ser lidos na sua totalidade, sem fazer cortes, sem fazer adap-

tações. Tal como eles foram escritos. Sem censuras. Então, Lobato é racista? É sim! Então vamos discutir o racismo de Lobato. Racismo era uma prática usual e corriqueira na sua época, quando ele escreveu os livros, hoje não aceitamos mais. É essa a primeira questão que é importante discutir quando trabalhamos com o cânone. Uma outra é a questão sobre a manutenção do cânone tal como recebido, ou seja, é preciso discutir se todos esses textos do passado ainda valem a pena serem lidos. Alguns deles não precisam ser lidos e permanecem nas listas de leitura mais por inércia que por suas qualidades literárias ou culturais. Nesse sentido, vou recusar este ou aquele texto não porque seja racista, mas porque não diz mais nada literária e culturalmente. Estou usando o racismo como exemplo, obviamente. Tem uma polêmica bem grande sobre Lobato, por exemplo, mas podia ser qualquer outra questão social. Pode ser misógino, machista ou qualquer outro tipo de preconceito que hoje não é mais aceitável como foi no passado. Em suma, não podemos apagar a nossa memória cultural e a escola é uma das principais instituições responsáveis por nos garantir essa memória cultural. Então, se tirarmos o cânone da escola, vamos tirar a possibilidade de conhecermos a nossa história cultural, nosso passado, e isso é muito ruim para nós. Não podemos apagar o que fomos. Se queremos construir uma nova sociedade, um novo mundo, temos que partir daquilo que temos, não ignorando aquilo que temos.

No que diz respeito à formação do leitor, o cânone é apenas uma parte. Qual é a parte que toca no campo da formação do leitor? É a parte dos textos complexos e variados. Para formar um leitor eu preciso ter textos de diferentes níveis de complexidade. Eu não posso formar o leitor nem só com textos complexos, nem só com textos simples. O verdadeiro leitor é aquele que consegue ler diferentes tipos de texto em diferentes momentos e tira deles aquilo que é importante para ele naquele momento. Então, eu preciso dos textos complexos que são representados na maioria dos casos pelo cânone. Então, a recusa do cânone, geralmente, tem

uma simplificação que deve ser questionada. Quando se quer formar um leitor literário, não se pode oferecer aos alunos apenas as obras de entretenimento porque elas sozinhas não dão conta da tarefa. Observe que o que estou dizendo não tem nada a ver com aquela crítica de que essas obras são *best sellers* internacionais, a exemplo de *O Harry Potter* ou *Jackson dos trovões*, *Os Cinquenta tons de cinza*. Na verdade, defendo que os *best sellers* fazem parte da sociedade, do consumo cultural. Não podem ser ignorados, eles também devem ser lidos. Lembrando, entretanto, que na escola se realiza a leitura literária com fins formativos. Minha proposta é que o professor leia, literariamente, todos os textos que leva para seus alunos, inclusive, os textos de entretenimento. Esse é o grande objetivo. Se o seu aluno não tem condição de ler um texto sofisticado, complexo do ponto de vista de elaboração literária, você não deve indicar esse texto para ele, porque, provavelmente, ele irá recusar o texto. Ele vai odiar aquele texto e não vai conseguir ler. É o que ainda acontece em algumas salas de aula. Ouço vários colegas e professores dizerem assim: “eu odiava Machado de Assis, foi preciso eu ter feito o mestrado para eu começar a gostar de Machado de Assis”. Por quê? Porque lá no Ensino Médio o professor mandou: “leia *Esaú e Jacó*” sem nenhuma preparação. Ou seja, ele não era leitor, ainda. Ele era neoleitor. Ele não tinha condições de ler um texto complexo como é *Esaú e Jacó*. A escola tem que preparar o aluno para fazer esse tipo de leitura, para ler o cânone. O grande problema do cânone não é ele está ou não está na escola, mas como vamos lê-lo e quando vamos lê-lo, tem que estar na escola. E isso vale, também, para a leitura de entretenimento. Posso ler os romances de grande consumo na escola? Claro que sim! Não tem nenhum problema, mas deve-se lê-los literariamente, até para que os alunos percebam o que tais obras estão trazendo para eles, qual significado que elas conseguem trazer. Aliás, é fascinante esse tipo de exercício. Eu fiz isso com minhas alunas. Há muito tempo atrás, quando era tempo das coleções Júlia e Sabrina. Eram alunas do

magistério e elas argumentavam: “professor, é preconceito não querer ler Júlia e Sabrina, são os melhores romances que existem”. Eu disse: “Concordo com vocês! Vamos ler!” Então pegamos uns dois ou três títulos de Júlia e Sabrina e lemos na sala de aula. Lemos, analisamos a construção das personagens, discutimos a trama, investigamos os recursos de linguagem, etc. Depois das duas primeiras leituras em sala de aula, as próprias alunas não quiseram continuar com outros títulos das coleções. Elas perceberam que estavam à frente de uma narrativa muito simples, com recursos de elaboração limitados. Em síntese, o que nós, professores, precisamos fazer é ler literariamente os textos que levamos para sala de aula, porque ler de qualquer jeito, ler como se lê um jornal, os alunos já fazem isso por si sós. Os alunos precisam do professor para ler literariamente, ou seja, empreender a leitura estética do texto. É para isso que eles precisam do professor de literatura. A função da escola é formar o leitor e formar o leitor literário. A escola falha quando não consegue formar leitor literário, quando, ao final do processo de ensino básico, o aluno não consegue ler um texto complexo.

Wellington: Em seu livro Paradigmas do Ensino da Literatura, o senhor traz várias abordagens de ensino da literatura no Brasil e ao mesmo tempo desconstrói todas elas na seção de crítica. Em vista disso, qual paradigma você considera importante para se pensar numa educação literária cujas práticas estejam voltadas para a formação humana?

Cosson: É claro que defendo o Letramento Literário como o melhor paradigma. Quero dizer, é o melhor porque penso que seja o mais adequado para a situação que nós vivemos hoje. Os professores que trabalham com a Crítica Cultural, trabalham com crítica de gênero, trabalham com a teoria *queer* têm feito algumas críticas por conta dessa minha defesa do letramento literário. Eu tenho dois orientandos, um que trabalha questão de gênero e outro que trabalha com a

teoria *queer*. Eles estão em fase de conclusão e vejo que serão trabalhos muito interessantes por fazer a abordagem da obra literária a partir desses pressupostos. Dito isso, penso que temos que muito a aprender com todos os paradigmas contemporâneos. O que temos que abandonar são os paradigmas do passado. Todos os paradigmas contemporâneos dialogam de alguma maneira entre si. Ainda há pouco conversei com Neide Rezende, da USP, sobre essa questão – me parece que a posição dela está mais para o paradigma da formação do leitor. Concordamos que temos que unir nossas forças em defesa daquilo que é comum a todos os pesquisadores da área no ensino contemporâneo da literatura. Penso que mais do que optar pelo paradigma A, B ou C, o professor que está na sala de aula precisa compreender que existe uma forma contemporânea de pensar o ensino da literatura; não dá mais para ensinar as escolas estilísticas da mesma forma como ele aprendeu. Isso é uma coisa que já passou e deve ser deixada para trás. Agora o que distingue o Letramento Literário dos outros paradigmas é que ele compreende a leitura literária de uma forma mais integrada, ou seja, para o letramento literário ler literatura implica ler contexto, intertexto e texto. É a união da leitura do texto com o intertexto e contexto que faz a leitura literária. Quando se privilegia apenas um desses elementos você está perdendo parte dos outros. Quando eu dou ênfase sobre o contexto, eu perco intertexto e o texto. Quando eu leio apenas o texto, eu dou ênfase à língua, a linguagem, daí eu perco o contexto. É como se o texto não existisse no mundo, esse é o problema da crítica estruturalista, formalista, etc. Do mesmo modo, se eu leio o contexto, leio o texto, mas não leio o intertexto, eu desprezo o leitor. Porque todos nós temos uma história de leitores, somos leitores porque nos formamos lendo outros textos e esses outros textos que lemos fazem parte da minha leitura, do que eu leio agora. Eu leio dessa maneira por conta dos textos que eu li lá atrás e o texto que eu leio hoje vai afetar os textos que eu vou ler no futuro. Não só em termos de interferência, mas em termos de modo

de ler. Então, o letramento literário procura dar conta desses três aspectos. Por isso que eu acho que ele é o mais adequado. Ele não despreza o texto, ao contrário, o que ele pretende é um diálogo entre texto, contexto, intertexto. Então não basta saber se o texto tem uma proposta ideológica ou de contra ideológica. Eu tenho que saber como é que isso acontece no texto e como é que eu, leitor, consigo fazer essa leitura. Outro aspecto importante do letramento literário é o compartilhamento da leitura, sintetizado no aforisma que diz que a leitura é solitária, mas a interpretação é solidária. Trata-se do reconhecimento da comunidade de leitores que diz o que é literatura, o que se deve ler, como se deve ler em um determinado local e tempo. E o que é fundamental que a experiência estética, o encontro do leitor com o texto a base de toda leitura literária. Para exemplificar isso, costumo contar uma história interessante. Eu fiz uma pesquisa muito grande para escrever o livro *Círculo de leitura e letramento literário*. Aliás, o livro do círculo é apenas parte da pesquisa feita. A pergunta de pesquisa era assim: como é ler literatura com outras pessoas, como é ler literatura em comunidade? Então procurei, investiguei vários grupos de leitores. Pessoas que liam junto com outras pessoas. Um desses grupos era das senhoras do chá da tarde. Fui informado que estavam lendo textos literários e fui lá conversar com elas porque eu queria entrevistá-las. Para o encontro que participei, elas tinham escolhido ler *Dom Casmurro*, o meu favorito, do Machado. Eram mulheres de classe média, classe média alta, uma boa parte não trabalhava, não tinham afazeres domésticos para cumprir. Eram leitoras bem informadas criticamente, algumas tendo feito o curso de Letras. Durante a discussão que fizemos do texto, de repente, uma senhora mais jovem começou a chorar. Fiquei surpreso, mas logo ela saiu e as que ficaram sugeriram que se tratava de uma situação muito pessoal. Bem, acontece que algum tempo depois encontrei com essa senhora em oficina de leitura. Conversamos rapidamente sobre o livro e ela resolveu me contar o que lhe aconteceu naquele dia: "ao ler *Dom Casmurro*, tive

uma súbita clareza qual era a minha relação com meu marido. Meu marido era Dom Casmurro, meu marido era o Bentinho. Quando começamos a discutir o texto, percebi que meu marido era Bentinho. Foi por isso que eu não aguentei. A partir dali minha vida mudou inteiramente”. Eu fiquei muito impressionado com seu relato. Veja bem, a discussão estava no nível literário. Nós estamos discutindo justamente a construção do texto. Dentro das questões contextuais e intertextuais, não estava pensando no leitor. Não era questões do leitor, mas ela leu aquele texto, quer dizer, ela pegou o texto e leu como se fosse uma mensagem de vida para ela. Machado pensou alguma coisa sobre isso? Jamais, nem qualquer leitor do Machado, acredito, jamais aconselharia alguém que está com problemas de relacionamento a ler *Dom Casmurro* para resolvê-los. Agora ela conseguiu fazer isso, percebe? Teve esse efeito porque nós estávamos discutindo o texto. Porque o texto estava sendo compartilhado. Ela estava numa comunidade de leitores que permitiu ir mais fundo ao texto, talvez em uma outra situação a leitura pudesse até passar em branco e não teria afetado em nada a vida dela. Às vezes, o livro nos toca e não percebemos. E toca. Esse é o problema que os paradigmas mais voltados para o texto ou para o contexto perdem, eles perdem o encontro do leitor com a obra, porque a literatura é uma obra de linguagem, acima de tudo, e essa linguagem é que dá conta do simbólico, não só do social, ela dá conta do simbólico, sobretudo. Isso quer dizer que ao dar conta do simbólico, a literatura nos faz viver, experienciar aquilo que nós estamos lendo. Quando leio uma obra literária, um romance, um poema, eu vivo aquelas palavras, eu vivo aquela situação de uma maneira intensa. Essa é uma experiência que estou tendo. É como se estivesse vivendo. Essa possibilidade só a literatura tem, por isso eu não posso perde-la quando vou ler o texto literário na escola, quando vou fazer a leitura crítica.

Eider: Professor, no paradigma social-identitário, o senhor afirma que “[...] como consequência do princípio repre-

sentacional, a formação do leitor literário é secundarizada em favor da socialização que se pode promover com os textos literários, os quais passam a funcionar como ilustrações sobre o que é correto em termos de comportamento social” (COSSON, p.123). Será que esse processo não é uma estratégia cíclica? Ou seja, ao passo que se discute os modelos representacionais, também, não estamos focalizando o processo de formação do leitor literário? Como poderíamos trabalhar esse paradigma com o foco na formação do leitor literário na Educação básica?

Cosson: O grande problema que esse paradigma tem que resolver é a questão da representação. O texto literário não é só mera representação, ele tem representação, obviamente, mas não é só. Tem também elaboração de linguagem. Ele só nos toca por que é uma representação feita por meio de uma linguagem elaborada. Quando se ignora isso, tende-se a tratar a obra literária como obra sociológica, antropológica, psicológica ou, pior ainda, como se fosse uma mera notícia de jornal. Em outras palavras, tende-se a usar o texto como pretexto para discutir questões que são importantíssimas, mas que, às vezes, são até mínimas no texto. É o caso de quem usa o romance *Lucíola*, de José de Alencar, para discutir prostituição, por exemplo, quando o foco do texto é o amor virtuoso, ou ler *Senhora* apenas para discutir a questão dos contratos de casamento no século XIX. Obviamente se o interesse for histórico ou sociológico, essas são leituras perfeitamente válidas, mas se for o ensino da literatura então é preciso investir antes de qualquer coisa na leitura literária do texto. A formação do leitor literário pressupõe obviamente a leitura literária em primeiro lugar. Daí que as discussões que dizem respeito ao contexto, enquanto mundo representado na obra, não podem ser feitas sem a companhia da discussão da tessitura do texto e de como cada leitor o recebe naquela comunidade. Quando isso é levado em consideração já se mudou de paradigma.

Nazarete: Como o senhor pensa numa educação literária cuja formação docente atenda as necessidades das comunidades leitoras contemporâneas?

Cosson: Na formação básica penso que uma das coisas mais importantes que o professor de literatura deve compreender é que a literatura não é o livro, mas que ela está nos livros. Com essa compreensão ele vai conseguir incorporar outros meios de circulação do discurso literário às suas aulas e que hoje estão muito presentes na cultura digital. Nesse sentido, ele vai conseguir incorporar mais do que a canção popular, que já é tradicional. Vai conseguir incorporar filmes, vídeos, etc. Vai conseguir incorporar textos que foram feitos sem nenhuma intenção literária, mas que são literatura porque dialogam intensamente com o discurso literário. Eu acho que aí vai ter uma pluralidade de perspectiva e dialogar melhor com o seu aluno. Porque o seu aluno está se alimentando desse universo digital, apesar de o livro, ainda, ser muito presente. Eu fico impressionado em ver jovens lendo. Fico bem impressionado quando eu vou ver uma batalha de poemas, *Slam*, e eu vejo o jovem utilizando métricas básicas da poesia e alguns que conseguem ir além, passando das redondilhas para decassílabos. Seria maravilhoso se eles tivessem um pouco mais de consciência da produção, que o professor de literatura pudesse ajudá-los para ter mais domínio do que fazem. É o caso do cantor de rap que faz a contagem de sílabas. A força do rap não está na rima, está na contagem do número de sílabas da frase. Então esse tipo de questão, que é próprio do saber literário, poderia ser trabalhado com os alunos na sala de aula, com esses materiais. Inclusive, os alunos poderiam compreender melhor e teria significado para eles. Atingiria a formação dele, ele seria um produtor e um melhor leitor literário. Ele conseguiria entender porque, muitas vezes, o rap não funciona porque perdeu a métrica. Claro que não precisa ter essa linguagem técnica para ensinar. Eu que sou professor

é que tenho que dominá-la. Então, precisa ensinar sem preconceito em relação aos produtos, sem achar que a literatura é o livro. Eu tenho que ir onde a literatura está, com os meus alunos. Isso é formação de leitor. São os interesses do aluno que devem servir como base para a construção de parâmetros de sua formação até porque o processo formativo precisa ir para além deles. O professor, por sua vez, não pode esquecer que ele é o professor. É seu papel, sabe? Ele não está ali para agradar aos alunos, não é para ser bom, para fazer bonito. Ele tem um objetivo a cumprir, um trabalho a fazer. E esse objetivo é a formação do leitor. Do leitor literário.

[Recebido em: 30 maio 2022 – Aceito em: 20 set. 22]